



Crises (in)Visíveis: a Estética do Cotidiano no Jornalismo Literário de Eliane Brum¹

Milene Costa de SOUSA²
Luciana Moraes VASCONCELOS³
Maria Ataíde MALCHER⁴
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Como apreender de forma sensível as “estranhezas” da vida entre letras e linhas? É esta a pergunta norteadora deste artigo, que objetiva não encontrar todas as respostas, mas formular mais questionamentos acerca das estéticas presentes nas supostas banalidades do mundo. Estéticas estas que proporcionam experiências e até pequenas crises: momentos de ruptura com o ordinário. Nessas circunstâncias, figura o objeto de análise deste artigo: o jornalismo literário de Eliane Brum. Ao relatar e expor o cotidiano dos chamados “invisíveis”, pessoas comuns que ajudam a construir o país, a repórter reforça a intencionalidade de desabituar olhares e reeducar formas de ser e estar no mundo. Um dos resultados deste estudo evidencia que o jornalismo de Brum é esteticamente sensível, pois ressalta a leveza do cotidiano. Os referenciais teóricos são Picado (2012), Gumbrecht (2006) e Maffesoli (1996).

Palavras-chave: estética; cotidiano; pequenas crises; jornalismo literário; Eliane Brum.

Introdução

Observar uma sociedade por meio de diferentes aspectos mostra como é necessária a prática de uma ciência mais humana, mais sensível. Esta seria uma ciência-saber, “que entende a construção do pensamento a partir da experimentação do mundo” (SIMÕES, 2014, p. 30). Para o campo da Comunicação, especialmente, são imprescindíveis estudos abordando o aspecto essencialmente *social* do jornalismo e da publicidade, a partir da verdadeira vivência de profissionais e pesquisadores da área, incluindo todos os envolvidos: de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFPA, email: mileneconstadesousa@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFPA, email: lucianavasconcelos95@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FACOM-UFPA, email: disciplinasgraduacao@gmail.com

graduandos a pós-doutores, dos ditos *focas* aos que ocupam cargo de chefes, dos pauteiros aos que colocam as pautas em prática, do rádio à TV, da TV ao impresso, do impresso ao digital, enfim, entre tantas funções. Estudos sobre esse aspecto mais social são imprescindíveis para a Comunicação por contribuírem para o desenvolvimento de uma forma mais altruísta, sensível e indulgente de lidar com o mundo, com o Outro e com a própria ciência.

A partir dessas considerações, propõe-se, no presente artigo, a análise da estética do jornalismo literário de Eliane Brum, que dá voz, segundo Bazzo (2011, p. 49), aos *invisíveis* da sociedade, àqueles à margem dos padrões da grande mídia. Acreditamos tratar-se de uma profunda identificação do fazer jornalístico com a estética do cotidiano exprimida em emoções, sentimentos, falas e – por que não? – silêncios presentes no discurso escrito da repórter. Para a análise desenvolvida neste estudo, utiliza-se o referencial teórico da Estética da Comunicação, tomando como base as discussões dos autores Benjamin Picado (2012), Hans Ulrich Gumbrecht (2006) e Michel Maffesoli (1996).

Entende-se aqui que “a estética tem a ver com a maneira pela qual ‘o mundo toma sentido para nós, de acordo com a maneira pela qual nos afeta e pela qual nós o afetamos’” (RICHTER, 2003, P. 21 *apud* SIMÕES, 2014, p. 80). Assim, os momentos da experiência estética – experiência esta que só faz sentido a partir de um estranhamento diante do mundo – são espécies de acidentes (ou crises) do cotidiano (CAETANO, 2011, p. 19), capazes de motivar alguma espécie de transformação em nosso interior, interrompendo o fluxo da nossa experiência comum (GUMBRECHT, 2006, p. 51).

É importante acrescentar, ainda, que essas experiências têm muito a ver com a prosa mesma do sujeito no e com o mundo (CAETANO, 2011, p. 22), pois, como diz o sociólogo Michel Maffesoli, “a pessoa é, antes de tudo, relação” (1996, p. 159). Em resumo, as relações concedem experiências, e estas constroem relações. Reciprocidade essa que se mantém constante, algo ligado principalmente aos “sentimentos íntimos” de natureza diversa que, nas palavras de Gumbrecht (2006, p. 52), é o que a experiência estética produz. É inerente à sensibilidade de cada sujeito e suas interpretações oriundas de cada experiência que viveu. Sobre as manifestações do cotidiano, Caetano (2011, p. 20), citando Miranda (2008),



argumenta e insiste na existência “da possibilidade de experiências sensíveis na vida comum, pois só temos a alternativa de viver poeticamente ou viver mal”.

As pequenas crises geradas por essas experiências têm início por meio de momentos de colapso, cujas consequências convertem o familiar em estranho. Para Carvalho, “trata-se do ordinário como possibilidade de experiência estética no próprio ordinário” (2014, p. 79). São também oportunidades para retrainar o olhar – subvertendo-o, insubordinando-o – para a apreciação de cada coisa a partir de sua própria lógica (ou ilógica), e não a partir de um julgamento exterior (MAFFESOLI, 1996, p. 125).

É a partir desses raciocínios que a estética do cotidiano admite os objetos ou atividades presentes na vida comum em conjunto com a subjetividade dos sujeitos que compõem determinada cultura e cuja estética é estruturada por múltiplas facetas do processo de vida (SIMÕES, 2014, p. 43). Isso quer dizer que a estética do cotidiano é construída com bases sólidas, principalmente, nas vivências e subjetividades do sujeitos em relação com outros sujeitos e com o mundo. Essa estética do cotidiano explicita, ainda, como “[...] a nova maneira de encarar o uso do tempo, voltado ao *hic et nunc*, arrasta consigo uma necessidade de reconhecer na mera existência cotidiana a possibilidade do prazer e, por conseguinte, de reconhecer no banal o sentido do sublime” (Caetano, 2011, p. 14).

Assim, este artigo científico se justifica por objetivar contribuir para os estudos pertinentes à Estética da Comunicação (incluindo estas vertentes: estética do cotidiano e da recepção) e ao jornalismo literário, um gênero que rompe com rígidas técnicas clássicas e é cada vez mais valorizado no fazer jornalístico. Além disso, neste estudo, a invisibilidade do banal e dos sujeitos ordinários é questionada, priorizando e ressaltando as potencialidades de experiências estéticas a partir do constante estranhamento em relação ao mundo e suas evanescências.

Sobre a(s) Estética(s)

Para Maffesoli, o homem é produto da estética (1996, p. 132). Mas o que é estética? Para começar, pode-se considerar as palavras de Picado, segundo as quais a “estética contemporânea” se constitui em

um traço da viragem conceitual pela qual a filosofia da arte deslocou-se dos objetos mais típicos deste campo (a obra de arte, sua fisicalidade de apresentação, suas relações com a expressão ou representação artisticamente pretendidas), deslocando-se progressivamente para o âmbito de sua experiência propriamente dita (os modos pelos quais as obras solicitam um lugar de sua compreensão sensível e semântica). (PICADO, 2012, p. 6)

Dessa forma, a estética se firma como teoria da sensibilidade e da comunicabilidade dos afetos sobre as noções de partilha e de *sensus communis* (PICADO, 2012, p. 12), não se restringindo, porém, aos objetos artísticos, visto que a estética não está presa na forma nem na materialidade, mas faz parte de todo um processo de formação de sentido. Em uma espécie de “momento de inquietude” da própria ciência, a estética passa a analisar o cotidiano e o sensível – e não mais apenas a arte – de forma mais aprofundada. E é esta ciência do conhecimento e da representação sensíveis que toma, a partir da segunda metade do século XVIII, o nome de estética (JIMENEZ, 1999).

Ainda acerca das origens da Estética da Comunicação, Picado alega o importante papel da partilha comunicacional dos afetos e das próprias sensações (p. 14). Todo o desenvolvimento histórico dessa ciência é marcado por constantes e sucessivas “rupturas que a sensibilidade não cessa de opor à ordem dominante da razão” (JIMENEZ, 1999, p. 25). Em outras palavras, a Estética da Comunicação propõe uma aproximação mais sensível dos objetos de estudo, o que se configura como um rompimento com os padrões institucionalizados do conhecimento científico, baseados pura e unicamente na razão. Porém, diferente do que poderia ser argumentado, a estética não é, de forma alguma, oposta ao racionalismo e seus avanços. Na verdade, por fim, ambas as formas de conhecer acabam por se complementar (JIMENEZ, 1999).

Para este artigo, optou-se por deter o olhar na chamada Estética da Recepção, que considera as características e os efeitos dos textos literários. Essa opção se justifica pelo fato de o objeto de estudo se tratar de um texto de jornalismo literário e um dos objetivos desta análise ser apreender a importância sensível do *olhar estrangeiro* dos profissionais da Comunicação perante o cotidiano dito banal.

“Cada criação literária, na sua peculiaridade, suscita reações específicas” (CUNHA, 2003, p. 6). Ou seja, de acordo com a Estética da Recepção⁵, “cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social, uma medida comum localizada entre essas reações particulares” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 36).

Segundo Cunha, “a Estética da Recepção aponta que a atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra” (2003, p. 2). Isso implica no fato de que o mesmo texto literário pode atravessar horizontes diferentes e ainda manter sua forma. Além disso, para compreender um texto é sempre necessário proceder ao processo de fusão dos horizontes aparentemente independentes um do outro (CUNHA, 2003, p. 6), visto que o leitor possui um horizonte – o mundo de sua vida – que o delimita, mas que se expande em constante e contínua transformação.

Dessa forma, o texto se torna o campo em que os dois horizontes podem tanto identificar-se quanto estranhar-se. A partir desse pressuposto, pode-se considerar a correspondência entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura (CUNHA, 2003, p. 9). Portanto, as possibilidades de diálogo com a obra podem ser verificadas a partir de um vínculo de (inter)dependência entre o grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela no que diz respeito às “convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui”. (CUNHA, 2003, p. 9). Isso implica em uma importante consideração da Estética da Recepção, a saber: “a literatura não se esgota no texto, mas completa-se no ato de leitura e o pressupõe

⁵ No entanto, a visada quanto ao efeito não é igual ao que era realizado nos estudos administrativos, pois a Estética da Recepção pensava nos efeitos de forma negociada e contextual.

[...]” (CUNHA, 2003, p. 10). Assim, verifica-se que o processo de recepção textual subentende a participação ativa e, portanto, criativa do leitor, sem sufocar a autonomia da obra.

Eliane Brum e o Jornalismo do Cotidiano

O jornalismo pode ser, muitas vezes, usado como recurso para pautar temas e sujeitos “invisíveis” – reais. “Talvez, porém, seja preciso um pouco de literatura para dar conta da realidade” (ALMEIDA; SOUSA, 2015, p. 1). Assim, o jornalismo literário – também conhecido como literatura de não ficção e jornalismo narrativo – surge como estilo jornalístico com o objetivo de retratar a realidade do cotidiano (e suas “banalidades”) utilizando as técnicas da literatura, de forma a despertar o olhar adormecido de leitores que eventualmente possuam pouca sensibilidade para manter vivo um constante estranhamento com o mundo.

Dessa forma, apropriar-se do jornalismo literário

significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 6)

Corroborando com tal ideia está a forma como Eliane Brum diz construir a história do cotidiano de quem ela chama de *invisíveis*, que em muitos casos não têm suas histórias relatadas. E é justamente esse cotidiano no qual todos os seres estão imersos que se mostra, aos olhares mais sensíveis, repleto de oportunidades para experiência estéticas. A inquietação de Eliane Brum – a qual a própria jornalista prefere chamar de *insubordinação* – a conduz a pautar o comum e as trivialidades do que, talvez, seja vulgar por ser rotina.

Nosso enigma é hoje o enigma da captura desse homem comum pelos mecanismos de estranhamento de uma cotidianidade que exacerba a mutilação de nosso

relacionamento com nossas possibilidades históricas e mutila a compreensão dos limites que cada momento histórico nos propõe (MARTINS, J. S., 2000, p.12 *apud* ALMEIDA; SOUSA, 2015, p. 6).

Nesse momento, a vida cotidiana se transforma em ponto de referência, pois agora ela é palco e não mais bastidores. É lugar no qual “a História se desvenda ou se oculta” (MARTINS, J. S., 2000, p.13 *apud* ALMEIDA; SOUSA, 2015, p. 6). E essa História, por mais simples que seja, encontra força por meio da escrita de jornalistas como Eliane Brum, que afirma:

Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios (BRUM, 2008, p.14).

É para dar seguimento a isso que Eliane Brum utiliza a tática de esvaziar-se para ouvir e buscar compreender melhor aquele que lhe conta sua história, já que segundo ela mesma, se a gente vai cheio, nada entra (BRUM *apud* BAZZO, 2011, p. 21). Neste caso, o jornalismo de Eliane Brum é construído a partir do que cada sujeito tem a dizer, a cada história que tem a contar, a cada valor que expõe. Ter respeito e ser clara com o trabalho que está desempenhando e ouvir de verdade quem está disposto a dizer, e assim produzir um jornalismo com precisão e sensibilidade a partir do que cada sujeito falou.

“Refletir sobre a produção de um jornalista é pensar também o sujeito que produz: quem é, de onde vem, para onde vai?” (ALMEIDA; SOUSA, 2015, p. 7). E essa produção começou cedo na vida de Eliane Brum. Os textos que produziu desde os nove anos foram publicados dois anos depois, no livro “Gotas da Minha Infância”. A repórter nasceu em Ijuí, interior do Rio Grande do Sul, em 1966. Foi mãe aos 15 anos e, aos 17, mudou-se para Porto Alegre para estudar jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS). Após quase desistir da profissão, Eliane Brum conquistou um estágio no jornal Zero Hora, onde trabalhou por 11 anos. Formou-se em 1988. Em 2000, foi para São Paulo como repórter da revista

Época, na qual trabalhou como editora e colunista. Publicou quatro livros-reportagem⁶. Codirigiu e roteirizou os documentários *Uma história Severina* (2005) e *Gretchen Filme Estrada* (2010). É autora do romance de ficção *Uma Duas* (2011). Já recebeu cerca de 50 prêmios nacionais e internacionais (MATGE, 2013, p. 34). Atualmente, Eliane Brum mantém uma coluna no site do jornal espanhol *El País*, além de produções independentes.

Em Busca de uma Estética do Cotidiano

“O que não pode ser apreendido pelo pensamento e pela razão e só pode ser apreendido pelo sensível” (CARVALHO, 2014, p. 77). Carvalho (2014, p. 76) sustenta a ideia de que a arte é capaz de proporcionar “uma impossibilidade e uma potência de experiência estética exatamente onde ela já estaria perdida: no cotidiano e suas imagens”. Desse modo, uma arte que revê o cotidiano como possibilidade de produção de experiência está ao mesmo tempo reinventando o papel da arte e o papel do cotidiano (CARVALHO, 2014, p. 80). Porém, o poder da experiência estética escapa dos domínios da arte e se faz presente também em outras produções comunicacionais e midiáticas, incluindo o jornalismo literário.

É assim no texto de Eliane Brum, intitulado “*História de um olhar*”⁷ (2006, p. 20-25), no qual a experiência da repórter se mescla aos fatos, ainda que sutilmente, “subvertendo o espaço organizado do jornalismo em direção àquilo que é desvio” (PERES, 2014, p. 3). E, por isso mesmo, em direção àquilo que é crise. De forma que “[...] é na própria experiência do ordinário onde atualmente parecem surgir as possibilidades de uma fratura, de um corte, de uma crise em nossas vidas cotidianas” (CARVALHO, 2014, p. 82-83), ressignificando o mundo e as pequenas coisas aparentemente desimportantes. Para Eliane Brum, “as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano” (2014, p. 105).

⁶ Coluna Prestes: o avesso da lenda (1994); *A vida que ninguém vê* (2006); *O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008); *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum* (2013). É coautora do livro *Dignidade!* (2011), sobre a organização Médicos Sem Fronteiras.

⁷ Esta foi a primeira crônica-reportagem publicada no livro *A vida que ninguém vê* (2006).

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva. Inclui.
Esta é a história de um olhar. Um olhar que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva. (BRUM, 2006, p. 22)

Diante disso, Peres (2014) propõe o conceito de “emoção do real” em contraposição à ideia de “choque do real”. Por meio do primeiro, é possível enxergar a novidade que emerge da realidade ordinária, afetando tanto escritor quanto leitor, incitando sentimentos de alteridade e identificação com o Outro; enquanto a última se configura no uso de estéticas realistas a fim de incomodar e sensibilizar o leitor, abusando de enredos e imagens desnecessariamente catastróficas.

Essa “emoção do real” pode ser especialmente identificada na seguinte passagem de outra crônica-reportagem de Eliane Brum, “*Dona Maria tem olhos brilhantes*” (2006, p. 130-136), na qual a jornalista atenta para uma cena um tanto comum, mas quase desprezada:

Você já reparou nos olhos das pessoas na rua? Muitas têm pupilas opacas e, junto com os ombros voltados para dentro, esculpem a imagem de uma infelicidade crônica, venenosa e que mata devagar. Têm olhos de seca, olhos assassinados. Porque os olhos são os primeiros a morrer. E as ruas estão cheias de moribundos. Quando aparece alguém de olhos brilhantes, dá vontade de parar, pedir licença e intimar: o que você está escondendo atrás dessas pestanas? (BRUM, 2006, p. 132)

De acordo com Maffesoli, “a vida corrente é repetitiva nos seus rituais e gestos anódinos” (1996, p. 131). E é inegável a existência latente de mistério no objeto anódino. Entende-se esse mistério como o aspecto de sedução intrínseco a tudo o que existe e pelo qual os sujeitos são atraídos com maior ou menor intensidade. Isso significa uma reconfiguração dos objetos anódinos, transformados em peças extraordinárias de uma existência comum – lugar de discretas verdades.

Minha aspiração [...] é ser capaz de arrancar você do lugar, para que possa ver o mundo de outros ângulos. Para isso, preciso antes arrancar a mim mesma do lugar [...]. Não escrevo para apaziguar, nem a mim nem a você. Para mim só faz sentido escrever

se for para desacomodar, perturbar, inquietar [...]. Sem esquecer nem por um segundo que escrevo imersa neste tempo histórico e que as verdades são criaturas fugidias, que se escondem às vezes nas vírgulas do cotidiano. (BRUM, 2013, p. 17-18)

Sendo a estética entendida como as “aproximações sensoriais de nossa dia-a-dia (longe, por enquanto, da ligação direta com a arte)”, ela é, portanto, inerente à condição humana (ALONSO; PEREIRA, 2008, p. 3). Por isso, pode-se considerar o jornalismo literário de Eliane Brum enquanto efetivamente estético, uma vez que a repórter escreve sobre a “extraordinária vida comum” (2013, p. 13-14) porque “a vida não se deixa compartimentar. Ela escapa das definições, escapa até das palavras” (2013, p. 15). E é toda a existência cotidiana que pode ser considerada uma obra de arte (MAFFESOLI, 1996, p. 22). Portanto, por ser extensão da vida, cada ser humano – por mais (in)comum que seja – é, também, essencialmente arte, admitindo-se que “algo no humano sempre escapa às tentativas de mapear regularidades definitivas de comportamento” (DUARTE, 2010, p. 4).

E, no dia seguinte, Israel chegou de banho tomado, barba feita, roupa limpa. Igualzinho ao Israel que havia avistado no olho da professora. Trazia até umas pupilas novas, enormes, em forma de facho. E um sorriso também recém-inventado. Entrou na sala onde a professora pintava no chão e ela começou a chorar. E as lágrimas da professora, tal qual um vagalhão, terminaram de lavar a imagem acossada, ferida, flagelada de Israel. (BRUM, 2006, p. 24)

Ademais, a arte não confirma o conhecido, mas contraria expectativas. A literatura, entendida enquanto forma de arte, não é capaz de pré-formar a compreensão de mundo do leitor, porém tem a potencialidade de influenciar comportamentos sociais. Essa relação pode ser atualizada no terreno sensorial, como estímulo à percepção estética (CUNHA, 2003, p. 7). É necessário, também, ter em mente que o texto jamais produz um sentido único. “Trata-se de um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas” (CUNHA, 2003, p. 11). Essa multiplicidade de significados é recorrente em “*História de um olhar*”.

De acordo com Florêncio (2014, p. 6), “o texto jornalístico precisaria ser problematizado, construindo formas de abordagem que suprissem a necessidade de retratar o quão complexos, indeterminados, e de múltiplos contextos são os fatos”. É assim no jornalismo literário de Eliane Brum, especialmente no texto aqui analisado, que busca dar conta de uma complexidade humana que o jornalismo (e a literatura como um todo) ainda é incapaz de abarcar em toda a completude – mas tenta.

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros. (BRUM, 2006, p. 23)

De acordo com Duarte (2010, p. 10), “a experiência estética ocorre na consumação do indivíduo pela obra, ou melhor, em deixar-se ser consumido no encontro com o objeto, ou na realização do fenômeno do encontro”. E fica difícil não se permitir *afetar* pela prática jornalística de Eliane Brum, resultando em oportunidades para a percepção de múltiplas estéticas do cotidiano – este que nos envolve e, às vezes, sufoca. Mas que é palco para todos nós: contemporâneos Ulisses, imersos em latências de um “vir a ser” ainda inexplorado.

Considerações

“P. Klee observava que ‘a arte não cria o visível, ela torna visível’”. (MAFFESOLI, 1996, p. 118). Assim, é perceptível que o jornalismo literário de Eliane Brum, por meio de uma quase “ultrassensibilidade”, escancara as portas das vidas invisíveis de pessoas que passam por nós todos os dias – com quem, talvez, cruzemos olhares, troquemos amenidades, ou até mesmo tenhamos um breve momento de contato físico, mas cuja realidade absolutamente não conhecemos. A prática jornalística de Eliane Brum é eminente e esteticamente sensível, pois evidencia “a leveza no cotidiano, do pequeno gesto, das pequenas coisas. A leveza que guarda e aguarda o mundo na sua impureza” (DENILSON. 2007, p. 77 *apud* CARVALHO, 2014, p. 74).

Porém, é importante ressaltar o aspecto quase evanescente da trivialidade habitual:

[...] Maurice Blanchot define o cotidiano a partir de sua impossibilidade: o cotidiano não se deixa apanhar, ele sempre nos escapa. Para o autor, o cotidiano pertence à categoria do insignificante, e é por isso, sem verdade, sem realidade, sem segredo. Mas, de um modo paradoxal, o cotidiano é ao mesmo tempo o lugar de toda significação possível. "É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie de extraordinário" (BLANCHOT. 2007, p. 237 *apud* CARVALHO, 2014, p. 81).

Dessa forma, a vida cotidiana se constitui – repetitiva e inesperada -, simultaneamente, entre o despercebido e o estranho, a familiaridade que se perde no ato do extraordinário (CARVALHO, 2014, p. 81). Todavia, apossar-se do cotidiano não figura entre os objetivos da prática jornalística de Eliane Brum. A ideia é, propriamente, o contrário: desprender o banal da gaiola de invisibilidade cujas grades o impedem de ser e de se mostrar por inteiro. Paradoxalmente, é preciso estar imerso no próprio fluxo cotidiano para chocar-se com oportunidades de uma experiência elevada ao plano das virtualidades e das potências, a partir das quais sujeito e mundo encontram a possibilidade de se (re)inventar.

É, então, a partir do confronto e da fricção com o trivial familiar que são instauradas crises estéticas, por meio de experiências, as quais nunca se apartam de nós sem antes implantar transformações de alguma ordem, expandindo os próprios limites da arte e da vida. São como oscilações, nas quais “o corpo retoma o seu lugar de destaque em nossa experiência com o mundo” (CARVALHO, 2014, p. 82). São momentos sublimes em que “o que muda não são as coisas, mas os seus limites. É como se sobre elas estivesse agora suspensa qualquer coisa como uma auréola, uma glória” (AGAMBEN, 1993, p. 73 *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 13). Dessa forma, o mundo das experiências e dos momentos extraordinários não é outro senão este nosso, constantemente passível de ser desdobrado e transformado – mas, principalmente, *transtornado* – esteticamente.

Referências



ALONSO JR, Rafael Miguel; PEREIRA, Tiago Luis. **Desprezo e apropriação da estética na rotina jornalística**. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.

ALMEIDA, Diélen dos Reis Borges; SOUSA, Gerson de. **Quando a realidade vira literatura: o jornalismo literário na reportagem Um país chamado Brasilândia**, de Eliane Brum. Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Uberlândia, 2015.

BAZZO, Gabriela Santos. **Jornalismo dos invisíveis: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada** – e outras colunas de Eliane Brum. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **Meus desacontentamentos: a história da minha vida com as palavras**. São Paulo: Leya, 2014.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

CAETANO, Kati. **Presenças do sensível nos processos interacionais**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 12-24, dez. 2011.

CARVALHO, Victa de. **Cotidiano e Experiência Estética na Obra de Beat Streuli**. *Ícone* v. 15 n.2 – outubro de 2014.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **O estudo dos efeitos em comunicação na perspectiva da estética da recepção**. Anais do XII Encontro Anual da Compós. Recife, 2003.

DUARTE, Eduardo. **A vertigem, as desrazões e a modelagem do tempo como fenômenos naturais à construção do conhecimento: Por uma epistemologia da experiência estética**. Anais do XIX Encontro da Compós. Rio de Janeiro, 2010.



ESCOSTEGUY, Ana Carolina e JACKS, Nilda. Estudos literários. In.: **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FLORENCIO, Felipe Jailson Souza Oliveira. **A experiência estética no jornalismo cultural impresso**: Uma observação sensível. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014.

GUIMARÃES, César. **A experiência estética e a vida ordinária**. *E-Compós* v. 1 n. 1 – dezembro de 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

JIMENEZ, Marc. Prefácio. In.: **O que é estética?** São Leopoldo: Unisinos, 1999. p.9- 27.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, Vozes, 1996.

MATGE, Pâmela Rubin. **A realidade social retratada nas reportagens de Eliane Brum**, em *A Vida que Ninguém Vê*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Brasília/UnB, 2006.

PERES, Ana Cláudia. **Narrar o Outro**: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. Anais do XXIII Encontro Anual da Compós. Belém, 2014.

PICADO, Benjamin. **Dos objetos da comunicação à experiência estética**: discursividades estéticas nas teorias da comunicação. Anais do XXI Encontro Anual da Compós. Juiz de Fora, UFJF / Compós, p. 01-16, 2012.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro – RJ – 4 a 7/9/2015

SIMÕES, Vanessa Cristina Ferreira. **Ideadores de Bicitaxi**: cartografias de experiências estéticas em modos de viver e fazer bicitaxis na Veneza Marajoara (Afuá-PA). 2014. 242 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2014.